

A RELEVÂNCIA DA MATERIALIDADE DO VEÍCULO PORTADOR DE TEXTOS NO ENCADEAMENTO DE SENTIDOS QUE CONSTITUEM O DISCURSO ¹

Valdir Heitor BARZOTTO

RESUMO Neste trabalho, em que analiso uma revista periódica intitulada *Realidade* (1966-1976), o leitor encontrará um estudo sobre os processos de produção de sentido que podem ser encontrados considerando-se os papéis desempenhados por três elementos distintos, mas imbricados, de uma revista: o objeto, considerado em sua materialidade como suporte de textos, os textos propriamente ditos e o discurso constituído pelo encadeamento de sentidos no ato da leitura, em que a forma da revista e a forma que o texto nela assume desempenham papel importante. A razão que me levou a escolher esta revista é que nela, além dos três elementos que procuro estudar, encontra-se circunscrito um traço da mentalidade correntemente qualificada como moderna. Neste sentido, além de procurar compreender a produtividade da tensão entre suporte, texto e discurso, não perco de vista o papel que cada um desempenha na tentativa de provar que existe um tempo moderno, o qual, por sua vez, se mostra seletivo face a alguns aspectos socioculturais.

RÉSUMÉ Dans ce travail, où j'analyse une revue périodique intitulée *Realidade* (*Réalité*), - 1966 - 1976 - , le lecteur trouvera une étude sur les processus de production de sens qui peuvent être trouvés en considérant les rôles joués par trois éléments distincts mais imbriqués d'une revue: l'objet, considéré dans sa matérialité comme support de textes, les textes proprement dits e le discours constitué par l'enchaînement des sens dans l'acte de lecture, où la forme de la revue et la forme que le texte y prend jouent un rôle important. La raison qui m'a poussé à choisir cette revue est, qu'outre les trois éléments que je cherche à étudier, on y trouve circonscrit un trait de la mentalité couramment qualifié de moderne. Dans ce sens, en plus de chercher à comprendre la productivité de la tension entre support, texte et discours, je ne perds pas de vue le rôle que chacun joue dans la tentative de prouver qu'il y a un temps moderne, lequel, quant à lui, se montre sélectif vis-à-vis des aspects socioculturels.

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado intitulada *Leitura de Revistas Periódicas: forma, texto e discurso. Um estudo sobre a revista Realidade (1966-1976)*, apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 27 de fevereiro de 1998, sob a orientação do Prof. Dr. João Wanderley Geraldi.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo sustenta-se na tese de que **o discurso é constituído por um encadeamento de sentidos que se estabelece no ato da leitura a partir de elementos presentes em diferentes tipos de textos. Para que o encadeamento se estabeleça concorrem, além do modo com que os elementos são inseridos no texto, a forma do veículo portador de textos, a forma que o texto nele assume e o movimento efetuado no ato da leitura que a própria forma do veículo impinge ao leitor.**

Com o propósito de estudar os encadeamentos de sentidos na seqüência material do veículo, centrando a atenção justamente na produtividade da tensão entre texto, suporte e discurso, escolhi a revista Realidade, publicada pela editora Abril, de Abril de 1966 a Janeiro de 1976.

A necessidade de estudar o encadeamento de sentidos ancorados em textos diferentes e considerando a materialidade específica do veículo que os porta remonta à minha dissertação de Mestrado², em que analisei propagandas de produtos agrotóxicos, publicadas em revistas periódicas destinadas ao meio rural, com vistas a contribuir para os estudos da ideologia da modernização. Naquele momento, (os estudos teóricos que realizei para embasar a análise abrangendo Linguística Textual, Semântica Argumentativa e Análise do Discurso, foram feitos entre 1988 e 1989), a metodologia de análise que considera a materialidade do objeto portador de textos, tal como a conhecemos hoje pelos trabalhos de Chartier, ainda era pouco difundida no Brasil. Portanto, analisei as propagandas isoladamente, destacadas de seu veículo. Porém, ao buscar compreender melhor a composição das revistas em que estavam publicadas, percebi que os sentidos que se prestavam a uma legitimação da ideologia da modernização, visando promover uma alteração nos modos de produção agrícola, não estavam restritos aos textos das propagandas, aparecendo também nas matérias, nas entrevistas, e outros tipos de textos veiculados por estas revistas.

Incomodava, desde então, a percepção de que destacar um texto do veículo que o porta implica em perda de sentidos que se constituem justamente na relação entre elementos presentes em textos diferentes, no interior de um mesmo veículo, cuja composição propicia o encadeamento.

2. DEFINIÇÃO DO APARATO TEÓRICO

Dando continuidade à minha pesquisa, com vistas à tese de doutorado, constatei que estudos que tomam revistas periódicas como *corpus* para a análise, realizados em diferentes domínios do conhecimento, geralmente não levam em consideração aspectos da materialidade do veículo portador de textos, apesar de eles participarem na constituição de sentidos no ato da leitura, como procurei mostrar na tese que ora apresento, com base nos trabalhos de Chartier.

² BARZOTTO, V. H. - *Leitura de Propaganda de Agrotóxicos - Contribuição aos estudos da ideologia da modernização*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, 1992.

Resolvi então fazer um breve levantamento das características mais comuns presentes em trabalhos que analisam revistas periódicas, entre as quais, destacam-se as seguintes: *abordagem por tema; trajetória, importância e atuação de personalidades; processos de transformação sócio-culturais; relação leitor-revista ou leitor-texto; produção de alguém cujos textos foram publicados na revista; “ponto de vista” da revista; a imagem como complemento dos sentidos ancorados nos textos.*

Embora tragam importantes contribuições a seus domínios, esses estudos minimizam o papel desempenhado pela especificidade material deste tipo de veículo na constituição de sentidos.

Visando construir uma particularidade para minha pesquisa, aproximo a Análise do Discurso e a História da Leitura e proponho-me a estudar o discurso constituído pelo encadeamento de sentidos ancorados em textos diferentes, considerando os textos sem destacá-los do objeto que os porta, e sem isolá-los do universo textual em que é dado a ler. Considero, pois, que no ato da leitura, há sentidos que se constituem justamente das relações que se estabelecem entre os diferentes textos que compõem o veículo que os porta, cujo manuseio coloca em ato uma leitura entrecortada por leituras e observações, ainda que fugazes, de textos e imagens que se intercalam entre outros textos.

Torna-se fundamental para este tipo de análise, que o analista escape à armadilha do tema central e concentre-se no que há de periférico no texto, além de considerar que os sentidos, cujo encadeamento constitui o discurso, não estão limitados ao texto, mas sustentam-se em indícios, recuperáveis através de um procedimento analítico semelhante ao que Ginzburg propõe no Paradigma Indiciário, que embasa seus estudos em História das Mentalidades.

Uma análise deste tipo demanda, sobretudo,

“donner à lecture le statut d’une pratique créatrice, inventive, productrice, et non pas l’annuler dans le texte lu comme si le sens voulu par son auteur devait s’inscrire en toute immédiateté et transparence, sans résistance ni déviation, dans l’esprit de ses lecteurs.” Chartier (1985:63)

O aparato teórico que mobilizo, portanto, consiste em uma aproximação entre a Análise do Discurso, enquanto teoria que se encarrega do estudo dos sentidos; a História da Leitura, da qual tomo a metodologia de análise da materialidade dos suportes de textos; e a História das Mentalidades, que oferece a possibilidade de considerar indícios dispersos em diferentes textos, épocas e lugares.

3. ANÁLISE DE DADOS

3.1. O papel da composição do objeto portador de textos e da textualização na produção de encadeamentos de sentidos³

Para averiguar a possibilidade de estabelecer relações entre dois ou mais textos, identificando indícios de que há sentidos que são resultantes da coadunação entre o procedimento de composição do veículo e de suas páginas com o procedimento de textualização, tomei para análise a capa, a contracapa e os sumários de três exemplares.

Tendo observado que sentidos ancorados nos textos das contracapas indicavam numa direção comum - deslocamentos no espaço geográfico, na condição social e no tempo - procurei verificar se isso ocorria também nas capas e nos sumários.

Como nas contracapas, as capas também propunham estratégias para se atingir um modo de vida, diferente de qualquer outro que pudesse ser considerado típico de um tempo passado, sugerindo ao leitor que os deslocamentos eram possíveis. Na revista isso se configura com a mobilização de sentidos que contribuem para delinear, frente ao leitor, esse outro modo de vida.

Numa mesma capa é possível encontrar relações entre chamadas diferentes a partir da noção de deslocamento. Na capa do exemplar n.º. 63, de Jun/71, por exemplo, a primeira chamada, “*O rico Roberto Carlos*”, relaciona-se com a última, “*Aprenda a arrumar emprêgo.*” Enquanto a riqueza é apresentada como informação da existência de uma outra condição social, a necessidade de se ter um emprego é colocada como condição para os deslocamentos que abrangem o espaço, a condição social e o tempo. Ainda no n.º. 63, encontra-se uma relação possível entre duas chamadas de capa que aparecem em seqüência a partir da pressuposição de que a riqueza garante acesso a um mundo novo: “*O rico Roberto Carlos*”, de onde a palavra *rico* retumba na palavra *negócio* de “*Seu Sete é um negócio*”.

Nos sumários não faltam exemplos de pessoas que passaram por deslocamentos. Aparecem personalidades que ocupam cargos máximos como um papa, um presidente, artistas no auge de suas carreiras, etc.; alguns de origem humilde e com sonhos modestos na infância.

No exemplar n.º. 3, de Jun/66, chamo a atenção especificamente para os temas “*Política*”, “*Perfil*” e “*Jôgo*”. O primeiro promete mostrar “*como vivem os deputados e senadores*”, senhores tradicionalmente conhecidos como pessoas que mudaram de condição social, e que vivem em pleno deslocamento no espaço. O segundo apresenta o então presidente da República, “*Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco*”, informando que “*Em menino êle só pensava em uma coisa: um dia ser capitão.*”. E, finalmente, para quem ainda não fez um movimento ascendente na escala social, o tema “*Jôgo*” apresenta-se como alternativa. Permeando tudo isso, o tema “*Aventura*”, traz

³ Estou traduzindo por *composição* e *textualização* os procedimentos descritos por Chartier (1985) como “*mise en livre*” e “*mise en texte*”. Respectivamente: “*Instrutions (...) portées para les formes typographiques elles-mêmes: la disposition et le découpage du texte, sa typographie, son illustration.*” (p.79-80) e “*(...) les consignes, explicites ou implicites, qu’un auteur inscrit dans son oeuvre afin d’en produire la lecture correcte, i. e. celle qui sera conforme à son intention.*” (p.79).

uma matéria sobre o avião, possibilidade máxima em velocidade para deslocamento no espaço, para servir a pessoas como os deputados, que precisam se deslocar rapidamente.

No sumário do nº. 63, a designação “*campeões do Ibope*”, atribuída aos apresentadores de televisão “*Hebe, Chacrinha, Sílvio e Flávio*, que aparecem numa chamada de capa, atesta o deslocamento. Dos nomes comuns com que se fazem conhecer no dia-a-dia do telespectador, e que aparecem na capa, esses apresentadores são alçados, no sumário, para o posto de “*campeões*”, aqueles que triunfaram.

Neste mesmo exemplar, ainda no sumário, um produto quase antropomorfizado - não fosse a nomeação “*a invasora*” a mesma usada para um conjunto de ervas consideradas prejudiciais à agricultura - a “*Hena*” é apontada como triunfante neste exercício de deslocamento: “*Beleza - Hena, a invasora 94 Hena saiu da África disposta a conquistar a Europa. Incrível: ela conseguiu.*”

Aparece, ainda no nº. 63, uma promessa para ajudar nesses deslocamentos: “*Concurso - Um clique por 100.000 118 - Ainda é tempo para você trocar sua foto por 100.000 em prêmios.*”.

Esses dois últimos exemplos contribuem para construir a ilusão de que os deslocamentos que levariam a uma melhor integração ao mundo moderno podem se concretizar através da riqueza que se conseguiria pelo esforço ou pela sorte.

Meios de comunicação, meios de transporte, objetos de consumo, exemplos pessoais, conselhos e oportunidades, embora mude o formato, os temas, o público, etc., tudo continua contribuindo para presentificar as mesmas possibilidades de deslocamento que se encontram nas contracapas, instaurando um clima favorável ao consumo, à desestabilização do cotidiano, em busca de algo bom e longínquo.

3.2. Divulgação e uniformização no mundo moderno.

A observação de que recursos lingüísticos atribuídos à emergente Jovem Guarda, tematizados numa reportagem intitulada, “*Vejam quem chegou de repente*”, publicada no nº. 2, de Mai/66, aparecia também em matérias que não tinham como tema central esta ‘linguagem’, bem como em propagandas, levou-me a buscar encadeamentos de sentidos entre estes diferentes tipos de textos.

Apoiado em Schlieben-Lange (1993), levantei a hipótese de que o projeto de modernização - compreendido como sinônimo de progresso, de desenvolvimento, forjado para o Brasil nas últimas décadas, e mais enfaticamente no regime que se instaurou em 1964 - está perpassado e sustentado, entre outras coisas, por uma ação uniformizadora sobre recursos lingüísticos, cujo uso integraria os sujeitos a tal projeto. Esta ação encontraria na mídia um de seus suportes fundamentais.

Na reportagem “*Vejam quem chegou de repente*”, uma das estratégias usadas para legitimar os recursos lingüísticos atribuídos ao ‘ié-ié-ié brasileiro’ é a apresentação de falas de entrevistados que expressam julgamentos sobre a ‘linguagem’, feitos por pessoas representantes de comunidades autorizadas a opinar sobre a língua e os costumes. Veja-se o primeiro entrevistado que aparece na reportagem: Professora Corinta Acioly, diretora de um dos colégios mais importantes de São Paulo.

“ - *A primeira vez que assisti ao programa de Roberto Carlos na TV, fiquei um tanto chocada: os gestos pouco elegantes, os cabelos... Mas depois,*

ouvindo as crianças cantar suas canções, percebi que as palavras usadas são bonitas, meigas e não têm nada de pernicioso para os jovens. Claro, os cabelos ficariam melhor um pouco mais curtos.” (p.73)

A escolha de uma “professora”, com cargo de “diretora” em “*um dos colégios mais importantes*”, geograficamente bem situada, “São Paulo”, e, portanto, membro de uma comunidade que argumenta sobre a língua (os professores), e ao mesmo tempo representante de uma instituição onde se argumenta sobre a língua (a escola), e que faz julgamentos sobre as palavras usadas, “*bonitas, meigas*” e ‘não perniciosas’, revela um pouco da estratégia usada pela revista para constituir autoridades para falar da língua, assim como uma tomada de posição favorável por parte da revista.

Mesmo opinando negativamente sobre “*os gestos pouco elegantes...*”, o julgamento positivo, expresso em “*as palavras usadas são bonitas, meigas e não têm nada de pernicioso para os jovens.*”, pode ser suficiente para aprovar a propagação da ‘linguagem’ usada pelo grupo.

Os outros entrevistados são um estudante carioca, de 13 anos; um Juiz de Menores; um Vigário; uma professora, esposa, mãe, cujas críticas, por não fugirem ao esperado de alguém em suas posições, não inviabilizam o convívio entre os valores que representam e aqueles que criticam.

Além da apresentação dos julgamentos feitos por pessoas autorizadas, a reportagem vai delineando os espaços em que já se usam os recursos lingüísticos da Jovem Guarda: televisão, jornal, lojas, teatro, churrascaria e centro de São Paulo, e ainda oferece ao leitor um glossário com 24 itens da “*linguagem de Roberto Carlos e seus seguidores*”.

Na página 108, do nº. 2, uma propaganda da TV Record (que já tinha sido publicada no nº. 1, p. 115, intercalando uma entrevista com a atriz sueca Ingrid Thulin, cujas posições compõem o perfil de uma mulher moderna) trazia o seguinte texto:

“A ‘onda’ da TV Record não é curta, nem média, nem longa. É a maior. Canal 7 TV Record.”

A expressão atribuída à Jovem Guarda, “*é a maior onda*”, que colaboraria para dar um aspecto moderno aos falantes (e que poderia ser usada por uma mulher com o perfil da entrevistada no nº. 1 da revista), aparece reorganizada no texto desta propaganda. Considerando-se a TV como meio de comunicação de massa representante do progresso e da modernidade e o rádio como meio de comunicação de massa mais antigo, e mesmo ultrapassado, percebe-se nessa propaganda uma tentativa de sobreposição da primeira ao segundo. O rádio tem ondas médias, curtas e longas; a televisão, mais moderna, tem “*a maior onda*”. A um só tempo, são evocados sentidos relacionados a ‘dimensão’ e ‘qualidade’.

3.3. Inserção e exclusão no mundo das letras

Percebendo o crescente compromisso da revista com o projeto de modernização do país e sabendo que tal projeto não comporta a totalidade dos sujeitos que compõem a sociedade, procurei compreender como as pessoas eram inseridas nos textos da revista.

A distribuição de lugares para essas pessoas nos textos da revista está diretamente relacionada à imagem de leitor pretendido. Elas são classificadas em função dos

interesses que estão em cena no projeto de modernização do país, sendo que, pelo tratamento que recebem, revelam-se quais são consideradas interessantes para compor o conjunto de leitores, portanto, quais são modernizáveis, já que a revista é oferecida como portadora de informações que levariam o leitor a integrar a modernidade, e quais ela exclui deste conjunto.

Numa matéria publicada no nº. 72, ps. 80-83, intitulada “*Estão dizendo que o rio vai morrer*”, está reproduzida uma seqüência de nove trechos de fala. As sete primeiras trazem em seguida o nome e o vínculo institucional das pessoas que as proferiram. Contrastando com elas, a oitava, além de recorrer a uma crendice popular, é atribuída a “*o povo do rio*”, sem nome, nem inscrição institucional.

Na seqüência do texto, outras falas seguidas de nomes e sobrenomes, sempre respaldados por instituições, são citadas oferecendo sugestões pautadas na racionalidade para amenizar o problema da seca na região do Rio São Francisco. Enquanto isso algumas falas do “*povo do rio*” são trazidas como uma ilustração quase folclórica da situação regional.

No encerramento da matéria, o lugar destinado ao povo contrasta com as descrições dos representantes da cidade dos letrados que gozam de maiores espaços no texto e nas decisões sobre as melhores providências a serem tomadas com relação à seca na região do Rio São Francisco:

“Ignorante de todos esses problemas, Antônio Manoel da Cunha trabalha de sol a sol alimentando de lenha uma bateria de cinco fornos de carvão, com a lenha de mais de 1 hectare de cerrado.”

Como era de se esperar, como em qualquer outra revista, na revista Realidade o “*povo do rio*” é excluído do grupo de possíveis leitores. Enquanto os possíveis leitores aparecem no texto caracterizados por suas profissões e suas funções, o habitante da região aparece classificado como “*ignorante de todos esses problemas.*”, e encerra a matéria desmatando pelo Brasil afora. Excluídos do mundo racional dos letrados, sua exclusão social já está decretada e justificada a partir da própria forma de inseri-los nos textos da revista.

“Somente o exercício do poder, reservando a uma minoria estrita o acesso ao mundo da escrita, permitiu a façanha da seleção, da distribuição e do controle do discurso escrito, produzindo um mundo separado, amuralhado, impenetrável para o não-convidado.” (Geraldí, 1996:101)

4. CONCLUSÃO

A análise empreendida na tese, permitiu constatar que no discurso constituído pelo encadeamento de sentidos mobilizados na composição da revista Realidade, sustentava-se a idéia de que há um modo de se integrar ao tempo moderno, que, por sua vez, se mostra seletivo com relação a aspectos sócio-culturais ao determinar quais objetos, valores e cidadãos podem ou não ser considerados integrantes desse tempo, bem como aqueles que, uma vez integrados, podem ser dispensados em seguida, para que o processo de modernização possa prosseguir em suas contínuas reinvenções.

A análise da materialidade do veículo portador de textos permitiu verificar que a revista Realidade, além de ser apresentada como portadora de um conhecimento que levaria o leitor a integrar o tempo moderno, constitui-se ela mesma como objeto moderno, pois vai passando por modificações ao longo de seus dez anos de existência até desaparecer.

Mas é importante observar também que, sob a constante aparência de novidade, permanece a construção de um caráter oscilante e provisório para os objetos e as pessoas.

O estudo desenvolvido, que compreende três entradas específicas no material em análise - descrição do objeto, análise e construção de hipóteses explicativas - possibilitou construir a hipótese de que na revista Realidade, a constituição no leitor de um traço característico da mentalidade própria de um tempo nomeado como moderno - a disposição para incorporar novos objetos ou valores à medida em que eles vão sendo colocados em circulação - perpassava o texto, seu suporte e o discurso.

Por fim, dado que uma das principais contribuições de meu trabalho consiste em analisar dados produzidos no século XX com uma metodologia que leva em consideração a materialidade que dá suporte aos textos, comumente usada na abordagem de dados produzidos antes do século XIX e já estudados com outras metodologias, é preciso que, mais que conclusões, meu trabalho estimule o surgimento de novas pesquisas sobre material produzido nesse século, algumas delas para recobrir espaços abertos no texto de minha tese.

BIBLIOGRAFIA

CHARTIER, R. "Du livre au lire". In: **Pratique de la lecture**, Ed. Rivages, 1985.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino - Exercício de militância e divulgação**. Campinas: Associação de Leitura do Brasil/Ed. Mercado das Letras, 1996.

SCHLIEBEN-LANGE, B. (Trad. Fernando Tarallo et. al.) **História do Falar e História da Lingüística**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.